

O jornalismo pós-industrial como experiência da Ponte ¹

Marina Parreira Barros BITAR²
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O artigo busca entender o funcionamento da Ponte Jornalismo, uma iniciativa online de jornalismo independente criada em 2014, dentro do contexto do jornalismo pós-industrial debatido pelo relatório do *Tow Center for Digital Journalism School*, da *Columbia University Graduate School of Journalism*, divulgado em 2012. Baseado no colaborativismo e na produção de notícias sem fins lucrativos, a Ponte surge como uma alternativa à mídia tradicional e hegemônica, focada na produção de reportagens que prezem pela justiça e pelos direitos humanos e que discutam a segurança pública.

Palavras-chave: jornalismo pós-industrial; Ponte Jornalismo; colaborativismo; jornalismo independente; jornalismo sem fins lucrativos.

Introdução

No decorrer dos séculos, a atividade jornalística sempre esteve em constante mudança, seja pela evolução da tecnologia utilizada, seja pela censura imposta por governos ditatoriais, seja pelas crises financeiras, entre outros fatores. Baseado em uma lógica industrial de produção de notícias e que depende da relação com a publicidade para sobreviver, o jornalismo produzido pela grande mídia encontra-se em crise com o advento da internet, da rede mundial de computadores e com a diversidade de plataformas disponíveis a qualquer um que esteja conectado. Conseqüentemente, o jornalismo está se adaptando aos novos cenários e possibilidades que aparecem cotidianamente e se reinventa na forma de iniciativas inovadoras, como a Ponte Jornalismo.

Posto isso, o artigo se propõe a identificar elementos e o modo de funcionamento da Ponte que fazem dela uma experiência do jornalismo pós-industrial. A Ponte Jornalismo é uma iniciativa sem fins lucrativos que surgiu como um projeto de incubação e sobrevive por meio de duas parcerias já realizadas e pelo investimento dos próprios fundadores que trabalham como voluntários, mas possuem empregos paralelos remunerados na grande mídia ou trabalham como *freelancers*.

¹Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias da Comunicação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos, na Universidade Federal do Tocantins (UFT, Palmas). Email: marinapbb@gmail.com.

A iniciativa surgiu em um contexto de efervescência de notícias nas mídias sociais e como uma alternativa à mídia tradicional e hegemônica, fundada na lógica comercial e industrial, e da necessidade de cobrir assuntos muitas vezes deixados de lado pelos grandes veículos de comunicação: segurança pública, justiça e direitos humanos. Segundo Rossi (2005 p.77), “o dever fundamental do jornalista não é para com seu empregador, mas para com a sociedade”. Desta forma, a Ponte se propõe a realizar um jornalismo livre e independente focado na produção de reportagens investigativas. Baseado no colaborativismo e na produção de notícias sem fins lucrativos, o modelo de jornalismo realizado pela Ponte é fruto do acesso à internet e à multiplicidade de produtores de notícias.

O artigo tem como objetivo compreender os elementos que fazem da Ponte uma experiência do jornalismo pós-industrial, conceito defendido e destrinchado em dossiê publicado em 2012 (e traduzido, em 2013, pela revista ESPM) pelos pesquisadores Anderson, Bell e Shirky da *Columbia Journalism School*, nos Estados Unidos. Para os autores do relatório, a indústria jornalística está morta, mas o jornalismo segue vivo em uma multiplicidade de lugares. Além disso, eles também acreditam que projetos de jornalistas empreendedores vêm ganhando força e espaço em cursos de jornalismo e em certos veículos de comunicação. “Julgar a qualidade da inovação pelo lucro gerado – algo associado a essa ideia – nem sempre é útil, pois a busca do lucro deve ser precedida da criação de relevância” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 47). Desta forma, neste novo modelo, o lucro pelo lucro, a dependência da publicidade para gerar receita, e a péssima qualidade das notícias produzidas já não se sustentam.

Jornalismo pós-industrial

Jornalismo pós-industrial é um termo que foi usado, pela primeira vez, pelo jornalista Doc Searls, em 2001, para propor a ideia de um jornalismo “sem rotativas” e que “já não é organizado segundo as regras da proximidade do maquinário de produção”, mas que parte do princípio da busca e da utilização de “novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais”, pois, na crise por qual passa o jornalismo, “não há solução capaz de preservar o velho modelo” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 37-38).

Esse termo foi amplamente debatido no relatório do *Tow Center for Digital Journalism da Columbia Journalism School*. Publicado em 2012 e elaborado por C.W.

Anderson, Emily Bell e Clay Shirky, o documento foi traduzido em 2013 pela revista de Jornalismo ESPM e dividido em três partes: Jornalistas, Instituições e Ecossistema. De acordo com os autores, o jornalismo passa por uma fase onde as velhas formas de produção já não conseguem se sustentar em meio a uma realidade conectada e convergente.

As condições técnicas, materiais e os métodos empregados na apuração e divulgação das notícias até o fim do século 20 já não se aplicam. Estamos em meio a uma revolução, e a adaptação às novas fronteiras da profissão é a condição de sobrevivência nesse cenário, que prevê o uso intensivo de bases de dados, além da interação com múltiplas fontes e com o público. (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 30).

Embora o documento revele apenas observações do jornalismo realizado nos Estados Unidos, ele tem a sua relevância e importância para o jornalismo dos países como o Brasil, que adotaram o modelo jornalístico norte-americano. O dossiê afirma que não há mais um indústria jornalística, pois, na última, década, a área jornalística passou por transformações possibilitadas pelo fato de que todo o mundo começou a ter muito mais liberdade. Além disso, o *modus operandi* e as rotinas produtivas da profissão jornalística sofreram mudanças consideráveis com o advento e a evolução veloz da internet. Desta forma, o relatório discute sobre as mudanças que já ocorreram na atuação jornalística, mostra o que está acontecendo no presente e que aprendizados podem-se tirar dessas discussões.

Produtores de notícias, anunciantes, novos atores e, sobretudo, a turma anteriormente conhecida como audiência gozam hoje de liberdade inédita para se comunicar, de forma restrita ou ampla, sem as velhas limitações de modelos de radiodifusão e da imprensa escrita. Nos últimos 15 anos houve uma explosão de técnicas e ferramentas. E, mais ainda, de premissas e expectativas. Tudo isso lançou por terra a velha ordem (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 30).

Citando iniciativas norte-americanas que surgiram com as profundas transformações na realidade jornalística, o relatório expõe exemplos de jornalismo pós-industrial que já podem ser percebidos no Brasil, como as novas experiências de jornalismo sem fins lucrativos, o colaborativismo entre jornalistas e a sociedade, o financiamento coletivo através de plataformas na internet e a cobertura de manifestações e protestos graças à mobilidade dos aparelhos celulares. Como será abordada mais à frente, a Ponte Jornalismo surgiu em meio a essa nova realidade jornalística.

O relatório também faz um contraponto entre essas novas experiências com a velhas práticas da indústria jornalística: ao olhar para o jornalismo sem fins lucrativos, diz que não há como “acreditar que o jornalismo está seguro nas mãos de empresas voltadas ao lucro”

(ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 32). Desta forma, aponta para iniciativas inovadoras, que prezem pelo compromisso com a verdade e com o público. Demonstra, assim, que “o que está patente é que o modelo há muito adotado pela maioria dos meios de comunicação – uma entidade comercial que subsidia a redação com receita da publicidade – está em risco” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 32). Segundo Paulino e Xavier (2015), é possível identificar que a manutenção da indústria jornalística no ambiente digital tem sido difícil e tende a sinalizar a ruptura e a transição de um modelo tradicional e industrial de negócio, bem como das suas rotinas e práticas produtivas.

Para os autores, mesmo com o cenário atual incerto, o jornalismo continua a ser produzido diariamente, mas tem encontrado novas formas e espaços de expressão e atuação que ultrapassam as barreiras da imprensa tradicional e da grande mídia. Logo, o papel da internet e de suas ferramentas nessa “revolução” foi e continua sendo crucial, pois, segundo o relatório (2013), é a partir do seu surgimento e da sua evolução que foi possível pôr fim à integração vertical, já que nesse modelo todo mundo paga pela infraestrutura que, conseqüentemente, é utilizada por todos. Desta forma, o público “segue mais do que disposto a pagar pela reprodução e pela distribuição” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 35).

No que se refere à lógica pós-industrial, o jornalismo dependente financeiramente da publicidade está fadado a desaparecer, pois esse modelo já não se sustenta. Segundo Nonato (2015, p. 46), as relações trabalhistas de produção no jornalismo mudaram nas últimas décadas do século 20, principalmente “por conta da introdução das novas tecnologias. Em tempos de convergência entre o impresso e o jornalismo online, o profissional procurou enquadrar-se em novos papéis”.

Robert W. McChesney (2014), fundador da *Free Press*³, afirma que é preciso estar consciente que, para resolver o problema de gerar jornalismo suficiente, é preciso reconhecer que, mais do que qualquer outra coisa, ele é um bem público. Para ele, jornalismo é algo que a sociedade quer, mas que o mercado não consegue gerar em quantidade ou qualidade suficiente. Assim, o mercado não tem capacidade para solucionar esse problema, mesmo com as mais fantásticas tecnologias.

Anderson, Bell e Shirky (2013), explicam que a chegada da internet trouxe uma revolução digital universal, onde não há divisão entre produtores e consumidores, e que sua

³ Free Press é uma organização não-governamental norte americana, criada em 2003, que luta pela internet livre e aberta e pela liberdade de imprensa. A organização é a maior defensora da neutralidade da rede. Seus fundadores são Robert W. McChesney, John Nichols e Josh Silver. Disponível em: <<http://www.freepress.net/>>. Acesso em: 2 fev 2016.

lógica vai de encontro aos princípios organizadores da produção jornalística vigentes desde o século 17. Ademais, reforçam que a abundância desse novo meio cria, na verdade, mais ruptura do que a escassez “quando todo mundo de repente passa a ter muito mais liberdade, toda relação no velho modelo – no qual o meio de comunicação cobrava para “operar o gargalo” – pode ser questionada” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 73).

Logo, esse novo jornalismo, o pós-industrial, parte do ponto de vista em que as “instituições atuais irão perder receita e participação de mercado e que, se quiserem manter ou mesmo aumentar sua relevância, terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 38). Partindo do princípio que o jornalismo é fundamental e essencial para a vida social e cidadã, pode-se pressupor que a única solução para a crise no setor é explorar novas possibilidades de sobrevivência da atividade jornalística mais focada no interesse público. “Com a proliferação de novas possibilidades de apuração, interpretação e distribuição de informações, é possível ver organizações tirando partido de métodos de trabalho que nem sequer existiam dez anos atrás” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 38).

Entre as diversas observações do relatório sobre esse novo cenário, um dos aspectos mais animadores e transformadores da atual cena jornalística “é poder explorar novas formas de colaboração, novas ferramentas de análise e fontes de dados e novas maneiras de comunicar o que é de interesse do público” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 38). Deste modo, os autores apontam que, se de um lado a exploração das possibilidades que o ambiente online oferece faz desaparecer os velhos monopólios, de outro existe um volume e uma quantidade cada vez maior de trabalho jornalístico realmente útil, realizado com a colaboração de amadores, multidões e máquinas.

Anderson, Bell e Shirky (2013) afirmam que o tema central do dossiê é mostrar como o jornalista precisará cultivar a capacidade de colaboração – com tecnologias, multidões e parceiros – para conseguir lidar com a responsável, e cada dia mais crescente, tarefa de narrar acontecimentos. Será necessário um trabalho multidisciplinar e colaborativo, começando pelas redações atuais que devem interiorizar novas competências organizacionais. Mas para que isso aconteça, segundo eles, o profissional jornalista vai precisar de mais liberdade para poder refletir sobre o próprio jornalismo que realiza. Além desses aspectos, o dossiê aponta para a necessidade da existência de mais trabalhos investigativos e de reportagem, combinadas com formas mais recentes de apuração de informações de interesse jornalístico.

A Ponte: segurança pública, justiça e direitos humanos

A Ponte Jornalismo é uma iniciativa sem fins lucrativos, que conta com o trabalho voluntário de jornalistas oriundos da grande mídia, que têm empregos paralelos remunerados ou trabalham como *freelancers*, e surgiu em 2014, na cidade de São Paulo, como uma alternativa à mídia tradicional e hegemônica e da necessidade de cobrir assuntos relacionados à segurança pública, à justiça e, principalmente, aos direitos humanos, pautas que muitas vezes são deixadas de lado pelas grandes empresas de comunicação. Suas reportagens são divulgadas através de um site⁴ e de páginas no Facebook⁵, Twitter⁶, Youtube⁷ e Instagram⁸.

Ponte é um canal de informações sobre Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos que surgiu da convicção de um grupo de jornalistas de que jornalismo de qualidade sob o prisma dos direitos humanos é capaz de ajudar na construção de um mundo mais justo (PONTE, 2014).

Seus fundadores são os jornalistas André Caramante, Bruno Paes Manso, Caio Palazzo, Claudia Belfort, Fausto Salvadori Filho, Joana Brasileiro, Laura Capriglione, Luis Adorno, Maria Carolina Trevisan, Marina Amaral, Milton Bellintani, Natália Viana, Paulo Eduardo Dias, Tatiana Merlino, Rafael Bonifácio e William Cardoso. Atualmente, o conteúdo do site é produzido por 13 autores fixos: André Caramante, Bruno Paes Manso, Caio Palazzo, Claudia Belfort, Fausto Salvadori Filho, Gabriel Uchida, Igor Ojeda, Junião, Luís Adorno, Luiza Sansão, Lumi Zúnica, Paulo Eduardo Dias e Tatiana Merlino; e cinco colaboradores: Ana Paula Alcântara, Guga Kastner, Karla Dunder, Rafael Bonifácio e William Cardoso. O projeto também recebe reportagens de qualquer jornalista que queira colaborar, bastando enviar o material por email⁹.

De acordo com o site, a Ponte quer se tornar um para-raios de colaborações de jornalistas e fotógrafos, mas reforça que a iniciativa se baseia em trabalho voluntário. “Salientamos que nosso site baseia-se em trabalho voluntário, ninguém é remunerado pelas matérias que produz, mas creditaremos todo trabalho publicado” (PONTE, 2014). Além disso, a Ponte conta com instituições e profissionais das mais diversas áreas que são

⁴ <http://ponte.org/>

⁵ www.facebook.com/pontejornalismo

⁶ twitter.com/pontejornalismo

⁷ www.youtube.com/user/pontejornalismo

⁸ www.instagram.com/pontejornalismo/

⁹ reportagem@ponte.org

parceiros do site, realizando um jornalismo participativo e cidadão. A primeira matéria¹⁰ publicada no portal abordou os protestos da comunidade judia em São Paulo contra os ataques de Israel a Gaza, e foi postada no dia 21 de maio de 2014, sem assinatura de um jornalista, mas publicado em nome da Ponte.

De acordo com Fausto Salvadori Filho¹¹, para ser colaborador da Ponte é preciso produzir um texto com “conteúdo informativo, não panfletário, que busque ouvir todos os envolvidos, respeite as diferentes versões e trate com o mesmo respeito tanto a voz oficial, do governo, da polícia, quanto a do morador da favela” (SALVADORI FILHO, 2016).

Segundo o site da Ponte, a iniciativa independente nasceu com o apoio institucional e estrutural da Agência Pública¹² de reportagem e jornalismo investigativo, que é a incubadora do projeto, sob o ponto de vista do fortalecimento do direito à informação, da qualificação do debate democrático e da promoção dos direitos humanos (PONTE, 2014). A Pública foi criada pelas jornalistas Marina Amaral, Natália Viana e Tatiana Merlino, essas duas últimas também fundadoras da Ponte. Segundo o site, a Pública também é uma organização sem fins lucrativos, pioneira no Brasil, e que atua para promover o jornalismo investigativo independente, através de programas de mentorias para jovens jornalistas, bolsas de reportagens e incubação de projetos inovadores de jornalismo independente. “Para nós, o jornalismo não está em crise – está em renovação. A Pública acredita na reportagem. E no repórter” (PÚBLICA, 2014).

Sobre a estrutura de funcionamento da Ponte, Salvadori Filho (2016) explica que é horizontal, baseada no colaborativismo, e que não há hierarquia clássica de redações, ou seja, que não existem editores, chefes ou patrões. As redes sociais e a internet são essenciais para a comunicação do grupo para organizar o fluxo de informações.

Fazemos reuniões presenciais toda terça-feira à noite, onde planejamos a semana, e passamos o resto do tempo em contato por Whatsapp e Facebook. Há colaboradores que volta e meia mandam textos para a gente, tanto jornalistas como artistas e pessoas de áreas ligadas aos nossos temas. (...) Todos trabalham em empregos paralelos. Ainda não temos recursos próprios. Nossa estrutura é horizontal. Não temos chefes. Apoiamos os direitos humanos e somos apartidários. (SALVADORI FILHO, 2016).

Como explica Nonato (2015, p. 54), “os jornalistas do coletivo têm a consciência e a satisfação de produzir um jornalismo diferenciado dos demais”. Ainda de acordo com a

¹⁰ Judeus protestam contra ataques de Israel a Gaza em SP. Disponível em: <<http://ponte.org/judeus-brasileiros-protestam-contra-ataques-de-israel-em-gaza/>>. Acesso em: 20 jan 2016.

¹¹ Em entrevista concedida nos dias 18 e 30 de maio de 2016, via email. Fausto Salvadori Filho é um dos fundadores da Ponte e é jornalista concursado da Câmara Municipal de São Paulo desde 2008, onde trabalha como repórter de temas políticos e históricos para a revista Apartes.

¹² Disponível em: <www.apublica.org>. Acesso em: 5 jan 2016.

autora, alguns membros do coletivo trouxeram a credibilidade e a experiência adquiridas durante o trabalho na grande imprensa e tem se destacado com um jornalismo independente de grandes reportagens. A Ponte, como outras iniciativas parecidas, tem como diferencial a sua sustentação econômica e funciona através de duas parcerias já realizadas e, principalmente, do trabalho voluntário dos envolvidos, o que demonstra que a criação do coletivo foi movida pela necessidade de uma maior autonomia e liberdade de expressão que os jornalistas não possuem em seus empregos fixos, e, também, pela realização profissional de produzir um jornalismo em que acreditam.

O jornalismo da Ponte: elementos pós-industriais

No dossiê sobre as transformações do jornalismo tradicional para o pós-industrial, Anderson, Bell e Shirky (2013) defendem cinco convicções: que o jornalismo é atividade essencial na vida em sociedade, que o bom jornalismo sempre foi subsidiado de alguma forma, que a internet acaba com o subsídio da publicidade, que a reestruturação de novas formas de rotinas produtivas é obrigatória e que há inúmeras e diversas oportunidades de fazer um bom trabalho jornalístico de maneiras novas.

Desta forma, além dessas características, esse artigo se propõe a identificar elementos do jornalismo pós-industrial descritos no relatório que também estão presentes no jornalismo praticado pela Ponte, através de uma análise qualitativa. Sobre a atividade jornalística ser essencial na vida em sociedade, o documento aponta que nem a importância do jornalismo, nem a importância dos profissionais dedicados ao ofício vão acabar com as transformações e as novas rotinas produtivas, e que, na verdade, o que está sendo posto em xeque é a linearidade do processo e a passividade do público diante da convergência e da liberdade possibilitadas pelo ciberespaço.

Como pode-se observar no conteúdo e no modo de funcionamento da Ponte Jornalismo, o colaborativismo e a cooperação entre jornalistas, público, pesquisadores, instituições, artistas, entre outros profissionais, propõe uma produção de conteúdo de uma forma colaborativa, dando eco às mais diversas vozes que queiram falar sobre segurança pública, justiça e direitos humanos. Desta forma, o modelo sem fins lucrativos da Ponte se encaixa em uma prática independente, alternativa à lógica vigente e livre de pressões editoriais.

Paulino e Xavier (2015) abordam um estudo do *Pew Research Center*, publicado em 2011, que revela que as iniciativas independentes são aquelas que estão dentro do regime

fiscal sem fins lucrativos e não são patrocinadas ou publicadas por outras instituições. Além disso, “são menos suscetíveis às mudanças do mercado e mais sustentáveis. Também estão mais ligadas à sua própria missão e tendem a se especializar em reportagens investigativas” (PAULINO; XAVIER, 2015, p. 159). Uma das missões da Ponte é dar visibilidade a questões omitidas pela mídia comercial, “contar histórias que não estão no dia-a-dia, levar à sociedade informações sobre o que está silenciado e encoberto” (PONTE, 2014). Por isso, apesar do foco da equipe ser as reportagens investigativas, o coletivo produz e divulga artigos, análises, documentários, relatórios, pesquisas, indicações culturais, conteúdo multimídia e materiais educativos sobre violência de Estado, justiça, segurança pública, racismo e gênero. A prioridade é realizar um jornalismo investigativo livre de compromissos econômicos, para “agendar o debate público, levar o Estado e a sociedade a buscar soluções para a desigualdade, a injustiça e a opressão”. Para produzir reportagens mais elaboradas, com vários pontos de vista, “o canal Ponte une jornalismo, opiniões de acadêmicos e especialistas com as ferramentas das novas tecnologias e da nova sociedade” (PONTE, 2014).

Para Anderson, Bell e Shirky (2013), no momento atual e em um futuro próximo, é preciso um exército de jornalistas que se dedique integralmente “a relatar fatos que alguém, em algum lugar, não deseja ver divulgados”, e que não se limite apenas a disponibilizar e a divulgar a informação, informação essa que é uma mercadoria, mas que contextualize-a para que ela chegue e se repercuta entre o público. Desta forma, a Ponte não só produz um jornalismo essencial pela defesa dos direitos e que dê visibilidade aos esquecidos pela imprensa tradicional, como, também, possibilita que o leitor tenha acesso a uma pluralidade de vozes e a uma diversidade de debates relevantes para a sociedade. Como explica Salvadori Filho (2016), o coletivo é “um grupo que nasceu com uma missão jornalística. Queremos divulgar ao máximo uma realidade de violência cotidiana praticada contra o Estado, principalmente contra a população pobre e preta das periferias que não é conhecida como deveria”. Além disso, o conteúdo produzido pela Ponte não é direcionado à audiência ou à quantidade de acessos ao site, nem focado em notícias diárias com prazo curto para fechamento como nas redações tradicionais e nem atende à velocidade e atualização de postagens de matérias exigidas em sites jornalísticos, ao invés disso, o coletivo têm como missão a qualidade do material produzido, com o rigor jornalístico necessário à uma apuração mais aprofundada dos fatos para a produção de reportagens investigativas, que levam um tempo considerável para serem elaboradas.

Sobre o subsídio do jornalismo, mesmo ainda não sendo uma iniciativa sustentável economicamente, a Ponte conta com a colaboração de jornalistas engajados em torno do que acreditam e que doam seu tempo, em caráter voluntário, para produzir material jornalístico focado no interesse público. Salvadori Filho (2016) explica que, para começar a desenvolver o que hoje é a Ponte, utilizaram recursos da Agência Pública, que atuou como incubadora do projeto, compartilhando necessidades básicas, como redação com telefone e computador, uma sala de reuniões e a verba para criação e lançamento do site. Ainda segundo o jornalista, a parceria durou alguns meses, conforme previsto. Após a parceria, os fundadores do site chegaram a usar dinheiro do próprio bolso para pagar o aluguel da sala de reuniões em um espaço compartilhado em um bairro de São Paulo. “Foi então que percebemos que não tínhamos necessidade, naquele momento, de gastar com uma sede fixa. Hoje, fazemos nossas reuniões em um espaço cedido generosamente pela produtora GW” (SALVADORI FILHO, 2016). Sobre os custos do site, Salvadori Filho explica que estão sendo mantidos com recursos de duas parcerias já realizadas.

Os custos do site estão sendo bancados por duas parcerias que deram alguma grana: uma com a Artigo 19¹³ para um estudo sobre transparência na segurança pública e, principalmente, uma parceria com uma empresa¹⁴ que fez um estudo sobre a vida na rua usando os próprios moradores de rua como pesquisadores (SALVADORI FILHO, 2016).

Na parceria com o Artigo 19, metade dos recursos ficou com a Ponte e a outra metade foi dividida entre quem escreveu, ilustrou ou fotografou para o projeto. Assim, Salvadori Filho (2016) afirma que o modelo de produção jornalística adotado pela Ponte é “baseado na formação de um coletivo de profissionais, unidos em torno de um ideal, num projeto sem fins lucrativos, sem nenhum tipo de filiação partidária e aberto ao diálogo e à colaboração da sociedade”.

Segundo Anderson, Bell e Shirky (2013, p.33), nesse novo ecossistema que está se formando, o “papel do jornalista – como porta-voz da verdade, formador de opinião e intérprete – não pode ser reduzido a uma peça substituível para outro sistema social; jornalistas não são meros narradores de fatos”. Os autores também apontam que, o que antes era um conjunto de ocupações, agora a produção de notícias passa a ser um conjunto de atividades, ou seja, “embora sempre vá existir um núcleo de profissionais dedicados em tempo integral ao ofício, haverá uma participação cada vez maior de gente que mexe com

¹³ O Artigo19 é uma instituição formada por advogados. Disponível em: <<http://ponte.org/estudo-revela-falta-de-transparencia-da-seguranca-publica-em-sp/>>. Acesso em: 31 jan 2016.

¹⁴ Disponível em: <<http://ponte.org/projeto-treina-moradores-de-rua-como-pesquisadores-da-vida-sem-teto/>>. Acesso em: 31 jan 2016.

isso apenas parte do tempo, muitas vezes em caráter voluntário” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 78).

Deste modo, o jornalismo da Ponte é subsidiado, mesmo que de forma esporádica, por parcerias com grupos e instituições que apoiam a linha editorial do coletivo e pelo investimento pessoal dos próprios fundadores e colaboradores que acreditam no projeto, tornando-o livre de pressões comerciais. Porém, essa forma de subsídio só foi possível graças à internet, que reduziu os custos de distribuição, possibilitou uma maior liberdade dos cidadãos e dos profissionais da mídia e ampliou o número de produtores de conteúdo, tornando a quantidade de pontos de vista e informações infinitamente maiores e destituindo a exclusividade e parte do poder dos veículos de comunicação.

Para Nonato (2015), assim como os blogueiros independentes encontraram na internet uma forma produzir notícias de forma livre, a Ponte produz reportagens de forma independente e que estão fora da pauta das grandes empresas de comunicação. Segundo a autora, o grande diferencial da Ponte em relação aos demais sites de coletivos jornalísticos é que o trabalho é totalmente feito de forma voluntária, ou seja, não há apoiadores institucionais ou *crowdfunding*¹⁵ (financiamento coletivo) para manter o site e os gastos com pessoal, mas há pedidos de colaboração de reportagens. Nonato (2015, p. 55), afirma que esses arranjos econômicos não são novos, sendo inspirados no cooperativismo¹⁶ e no jornalismo alternativo/independente/livre, e adaptados “à sociedade em rede e (re) apropriados pelos jornalistas. Mas servem para demonstrar o quanto é fértil a busca por alternativas nesse momento de surgimento de novos meios e, ao mesmo tempo, de crise na profissão”. Para a autora, práticas colaborativas de produção de conteúdo e o financiamento coletivo através de plataformas da internet surgem como novas apostas e alternativas de sobrevivência financeira, “baseadas num modelo de jornalismo sem fins lucrativos, voltado para a independência e a cidadania”, que tornam possível a prática de um jornalismo com maior autonomia e que seja contra hegemônico, sem a pressão e o controle das grandes empresas de comunicação (NONATO, 2015, p. 55).

No site da Ponte ou nas suas mídias sociais não há *banner* de publicidade ou anúncios, pois a ideia é ser uma alternativa à lógica comercial. O grupo de jornalistas da Ponte ainda busca formas de tornar essa iniciativa empreendedora em algo consolidado e

¹⁵ Popularizado graças à internet, o modelo de financiamento via *crowdfunding* usa a web para conectar a pessoa que tem uma boa ideia com as pessoas interessadas em pagar para tirá-la do papel. Disponível em: < blog.catarse.me/afinal-o-que-e-crowdfunding/>. Acesso em: 10 jan 2016.

¹⁶ É um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico fundamentado na reunião de pessoas e não do capital. Seus referenciais fundamentais são: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia. Disponível em: < www.brasilcooperativo.coop.br/site/cooperativismo/index.asp> Acesso em: 10 jan 2016.

que seja sustentável, mas a experimentação cotidiana de iniciativas como essa podem culminar em ideias inovadoras e permanentes.

Queremos ganhar dinheiro com o projeto, não para ter lucro, mas para que seja sustentável e possa ter continuidade. Crowdfunding é uma das várias possibilidades que estamos estudando. Há a possibilidade de assinatura para quem apoia o projeto (sem limitar o conteúdo para quem não é assinante), nos moldes do que faz o Viomundo¹⁷. Também estamos pensando em financiamento via fundações que se alinhem com nosso projeto, nos moldes do que a Pública faz (SALVADORI FILHO, 2016).

Para o jornalista, a Ponte possibilita pensar em notícia como algo além do produto, “como um valor social em si, que não precisaria ser comercializada” (SALVADORI FILHO, 2016). Com a lógica promovida pela internet, inevitavelmente, há uma reestruturação de novas formas de rotinas produtivas no meio jornalístico. Segundo Anderson, Bell e Shirky (2013), os jornalistas vão dedicar mais tempo a relações de colaboração, ao mesmo tempo em que, ao produzir conteúdo de qualidade, terão mais autonomia e controle sobre o próprio trabalho. Shirky (2011, p. 54) ressalta que o comportamento generoso, social e criativo que se identifica atualmente com os processos colaborativos na era da Internet é consequência da “transferência para a economia pós-Gutenberg, com suas perfeitas versões intercambiáveis e suas capacidades de conversação, com sua produção simétrica e seu baixo custo”. Tanto a web, quanto as suas múltiplas ferramentas e plataformas, modificaram a atuação do jornalismo investigativo, e a Ponte se insere nessa nova realidade, onde o novo e o desconhecido são elementos recorrentes entre os que se aventuram a desbravar formas alternativas de práticas jornalísticas. Assim, o sentimento de colaboração movido por interesses em comum, em conjunto ao baixo custo da internet para colocar o coletivo jornalístico em funcionamento, foram fundamentais para o surgimento da Ponte.

Mesmo com toda a tecnologia disponível, Salvadori Filho (2016) explica que a apuração é feita com as ferramentas tradicionais e que nada substitui a reportagem e o contato com o outro, com as fontes.

O grosso da apuração ainda é feito, e acho que sempre será, pelas ferramentas tradicionais: muita sola de sapato, entrevista, conversa, encontro, telefonema, e-mail, documentos, cartórios, sites. Uma novidade é uma curadoria que as redes sociais nos permitem executar. (...) Nada substitui a reportagem, mas ficar de olho na informação que chega às redes é sempre bom. Tanto pode levar a pautas como pode ser a própria pauta (SALVADORI FILHO, 2016).

¹⁷ Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/>> Acesso em: 25 jan 2016.

Como em toda mudança no decorrer da história do jornalismo, “a erosão de velhas formas de agir é acompanhada da expansão de novas oportunidades e de novas necessidades de um trabalho jornalisticamente importante” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 43). A internet põe fim à verticalização que antes funcionava no modelo industrial de notícias, porque, agora, todo mundo paga pela infraestrutura, que pode ser utilizada por qualquer pessoa com acesso à rede de computadores. Os jornalistas que formam a Ponte se inserem nessa nova forma de organização, onde, cansados de produzirem apenas notícias que obedecem aos interesses mercadológicos, criaram um meio onde pudessem realizar um jornalismo investigativo de qualidade, com liberdade de expressão, em paralelo aos seus empregos na grande mídia ou como *freelancers*, que garantem a sua sobrevivência. Empregos esses que mantêm devido a não sustentação financeira atual da Ponte. A iniciativa não precisou de reestruturação, pois já nasceu em um ambiente inovador e que possibilita o exercício de um jornalismo livre: a internet.

As rotinas produtivas da Ponte não obedecem à lógica vertical das redações tradicionais, pois seu funcionamento é horizontal, pautado na gestão e na produção democrática entre os colaboradores. Assim, o material que chega ao site é editado ou publicado de forma descentralizada e, ainda que determinados jornalistas tenham mais experiência do que outros cada texto é sempre lido por mais de uma pessoa antes de ficar online. “A regra geral é só publicar um texto depois que outra pessoa leu. Não há centralização propriamente. Alguém escreve o texto, coloca na ferramenta, manda o recado “tem matéria, quem pode publicar?”. Aí alguém vai lá e publica” (SALVADORI FILHO, 2016, grifo do autor). Ou seja, há um rigor jornalístico durante todo o processo de apuração, produção e divulgação da notícia. Segundo Salvadori Filho (2016), os mais experientes costumam editar o material, mas qualquer um que esteja disponível pode publicar a matéria.

A Ponte encontrou uma entre inúmeras oportunidades de fazer um bom trabalho jornalístico de maneira inovadora e contrária ao que o público estava acostumado quando tinha acesso apenas às abordagens da grande mídia, que, nos moldes industriais, silencia vozes e invisibiliza sujeitos a fim de atender demandas do mercado e do capital, bem como evitar conflitos com seus financiadores e investidores.

Salvadori Filho (2016) conclui que sem a internet a Ponte não existiria, pois ela é fruto de ferramentas tecnológicas que reduziram a zero o custo de distribuição da informação e permitiu que coletivos e indivíduos pudessem fazer seu próprio jornalismo, criando modelos além do noticiário feito e mantido por empresas. Para Anderson, Bell e

Shirky (2013), a era pós-industrial permitiu que o ecossistema jornalístico digital se constituísse como um mercado mais transparente do que o monopólio do mercado da lógica industrial, bem como abriu caminhos para que iniciativas de jornalistas solitários e pequenos grupos são ideais para a descoberta de novas fontes de valor.

Logo, a Ponte se insere nesse novo modelo, em que jornalistas cansados da velha forma de exercer sua profissão se agrupam em pequenos grupos, em coletivos, guiados pelo interesse em comum em produzir um jornalismo diferente do que é realizado pela mídia hegemônica. O grupo é um entre centenas de iniciativas que surgem, dia após dia, em busca da liberdade editorial, do jornalismo ético e da investigação como norte para a produção de reportagens.

Considerações finais

A Ponte Jornalismo nasceu no contexto do jornalismo pós-industrial, onde as rotinas produtivas foram profundamente modificadas e a lógica do maquinário de produção, da dependência da publicidade e do lucro desenfreado já não se sustenta. Disponível no formato de site jornalístico, o seu conteúdo também está presente nas mais diversas plataformas de mídias sociais digitais, sendo acessado a apenas um clique. A Ponte foi criada em meio à realidade online e conectada, como uma alternativa à imprensa hegemônica, com foco em reportagens investigativas e funciona em uma estrutura horizontal, com as decisões da redação sendo decididas democraticamente sem depender do lucro para funcionar ou obedecer às ordens de empresas ou do governo. Compromissados com a investigação, são norteados pela responsabilidade jornalística e o rigor na apuração para divulgar “o que alguém, em algum lugar, não quer que seja divulgado”.

A Ponte já nasceu em um ambiente reestruturado, sem a necessidade do subsídio da publicidade, sob um modelo oposto ao tradicionalmente vigente, a partir do surgimento e desenvolvimento de uma diversidade de ferramentas e plataformas da internet, que democratiza o conteúdo e permite o colaborativismo entre profissionais da mídia, leitores, instituições, pesquisadores ao redor do mundo. Desta forma, a Ponte se vale da liberdade que a internet oferece para explorar outras formas de produzir um jornalismo sem as amarras do mercado e realiza um trabalho jornalístico que se insere em uma lógica pós-industrial. Entretanto, é possível concluir que um dos grandes desafios da Ponte é se tornar mais uma iniciativa estável, sustentável e sólida sem, contudo, abrir mão do rigor e ética jornalística e, principalmente, da independência editorial.

Esta pesquisa tem a pretensão de abrir caminhos para estudos mais aprofundados acerca de atividades empreendedoras de jornalismo, da viabilidade de projetos de jornalismo independente, sem fins lucrativos, baseado no trabalho voluntário, bem como a produção de mapeamento dessas novas rotinas produtivas e a sustentabilidade de cada uma, para que se tornem iniciativas permanentes de liberdade jornalística. Também se faz necessário uma análise sobre o grau de independência desses coletivos quando o financiamento não vem do público, mas de instituições e fundações. Há a necessidade, também, de mais pesquisas acerca dos conceitos de jornalismo livre, jornalismo independente e jornalismo alternativo, suas diferenças, semelhanças e incorporações dentro de um contexto pós-industrial e/ou contemporâneo.

REFERÊNCIAS

Agência Pública de Reportagem e Jornalismo Investigativo. Disponível em: <<http://apublica.org>>. Acesso em 20 jan. 2016.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily e SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial:** adaptação aos novos tempos. Revista de Jornalismo ESPM. Edição Brasileira da Columbia Journalims Review, 2013, p. 30-89. Disponível em: <http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf>. Acesso em 3 fev. 2016.

MCCHESNEY, Robert W. **Digital disconnect:** how capitalism is turning the internet against democracy, Nova York, NY: New Press, 2013, 299 p.

NONATO, Cláudia. **Blogs, colaborativismo e crowdfunding:** novos arranjos para o livre exercício do jornalismo e a prática da cidadania. Revista Altegor (ECA-USP). Ano 6, vol. 2, p. 44-57, jun – dez 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/altergor/article/view/99094/104081>>. Acesso em 10 abr. 2016.

PAULINO, Fernando Oliveira; XAVIER, Aline Cristina Rodrigues. **Jornalismo sem fins lucrativos:** transição, expansão, sustentabilidade e independência. Revista Comunicação Midiática (online), Bauru/Sp, V.10, N.1, p. 154-168, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/575/299>>. Acesso em 10 abr. 2016.

Ponte Jornalismo: direitos humanos, justiça e segurança pública. Disponível em: <<http://ponte.org/>>. Acesso em 20 jan. 2016.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo.** 6ª reimpressão da 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SALVADORI FILHO, Fausto. Entrevista 1 [maio 2016]. Entrevistadora Marina Parreira Barros Bitar, Palmas, 2016. 1 arq.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação:** criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 210 p.